

Folha de S. Paulo

12/1/1985

Guariba, urgente

O quadro de radicalização e violência que transmitem as notícias vindas da região de Guariba, não traduz apenas aquilo que sempre se soube, a necessidade de elevar os níveis de vida de uma população de assalariados rurais hoje às voltas com a miséria e o desemprego.

Tampouco leva simplesmente à conclusão de que a inexistência de canais válidos para superar a greve não pode persistir, nos desencontros das lideranças e do governo. O impasse das negociações, a situação social vivida pelos trabalhadores chega mesmo a perder seu relevo — tal a proporção dos conflitos e a violência com que espocam — diante do que está atingindo a própria segurança pública.

Fundamental, no momento, não é apurar as responsabilidades sobre quem incitou a violência, nem acusar a incompreensão de uns e de outros. As soluções de emergência, as tentativas de entendimento, as propostas de superação do impasse, se vêem suspensas diante da ameaça de uma verdadeira ruptura social. Nenhuma reivindicação terá condições de ser atendida enquanto persiste uma situação de confronto imediato; os saques, as violências se sucedem, diluindo na confusão generalizada quaisquer tentativas racionais de resolução da crise. A troca de represália e a agitação desesperada distanciam-se de qualquer objetivo, vitimando todos os lados sem distinção, num movimento de conseqüências imprevisíveis.

Quaisquer propostas de solução — não é por falta de advertências que não vieram a tempo — por mais urgentes que sejam, não podem pôr de lado uma necessidade que no momento é ainda mais urgente, a de fazer com que a ordem pública seja mantida. Sem ela, tudo o mais se perde no terror da violência indiscriminada, que a ninguém beneficia.

(Primeiro Caderno — Página 2)